

CAMILA DOMICIANO DE MATTOS

**A FORMAÇÃO DOS VÍNCULOS PRIMÁRIOS À LUZ DA
PSICANÁLISE FREUDIANA**

Monografia de conclusão do Curso de Especialização em
Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ines Rosa Bianca Loureiro.

COGEAE – PUC/SP

2016

A FORMAÇÃO DOS VÍNCULOS PRIMÁRIOS À LUZ DA PSICANÁLISE FREUDIANA

RESUMO

MATTOS, Camila Domiciano de. *A formação dos vínculos primários à luz da psicanálise freudiana*. Monografia. 46p. Pontifícia Universidade Católica – PUC, 2016.

Este trabalho tem por objetivo percorrer cronologicamente a obra freudiana levantando os momentos em que o pai da psicanálise desenvolveu o tema dos primeiros vínculos, considerando eventuais mudanças de posicionamentos. Como o significado de vínculo está relacionado com ligação afetiva, o objeto, portanto, constitui um importante ponto de estudo também. Os capítulos desenvolvidos descrevem: (1) a vivência de satisfação, em razão da importância conferida a este momento inaugural da vida psíquica, quando ocorrem as primeiras inscrições do objeto; (2) a sexualidade infantil, quando o objeto já aparece, porém em suas formas parciais; (3) o narcisismo, em que o próprio Eu já se anuncia como um objeto total; (4) o complexo de Édipo, com sua importância para a constituição psíquica, bem como a relação de ambivalência que se estabelece com os objetos incestuosos; e, finalmente, (5) a identificação, noção fundamental para compreender o laço com o outro – seja na saída do Édipo, seja como forma mais primitiva de vínculo (tal como postulado na década de 1920). Com isso, esperamos compor uma base freudiana que possibilite compreender os desdobramentos dessa questão no âmbito da psicanálise ao longo de sua história.

Palavras-chave: vínculo primário, objeto, constituição do psiquismo, metapsicologia, Freud.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Ines Rosa Bianca Loureiro pela valiosa ajuda e incentivo no desenvolvimento deste trabalho. Agradeço também ao meu marido Edson, pela paciência e pelo inestimável companheirismo de sempre.

SUMÁRIO

Introdução	6
Capítulo 1. A vivência de satisfação.....	10
Capítulo 2. A sexualidade infantil	19
Capítulo 3. O narcisismo	26
Capítulo 4. O complexo de Édipo	30
Capítulo 5. A identificação.....	39
Considerações finais	42
Referências bibliográficas	44

Bola de Meia, Bola de Gude¹

Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão

Há um passado no meu presente
Um sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra
O menino me dá a mão

E me fala de coisas bonitas
Que eu acredito
Que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito
Caráter, bondade alegria e amor
Pois não posso
Não devo
Não quero
Viver como toda essa gente
Insiste em viver
E não posso aceitar sossegado
Qualquer sacanagem ser coisa normal

Bola de meia, bola de gude
O solidário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança
O menino me dá a mão
Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto fraqueja
Ele vem pra me dar a mão

¹ Compositor e intérprete: Milton Nascimento

INTRODUÇÃO

Considerando as diferentes formas de configurações familiares da atualidade, é legítima a preocupação de pais e profissionais com a maneira como isso pode afetar ou não a constituição psíquica da criança.

A oferta de material sobre esse assunto é vasta, mas na maioria dos casos a ênfase se dá em autores pós-freudianos e contemporâneos, o que inevitavelmente acaba nos distanciando das concepções originais de Freud. Por tal razão, seria importante voltar ao início da psicanálise e compreender como Freud pensou a questão da formação das ligações afetivas primárias.

O objetivo é percorrer cronologicamente a obra freudiana levantando os momentos em que o pai da psicanálise desenvolveu o tema dos primeiros vínculos, considerando eventuais mudanças de posicionamentos.

O sentido de ligação afetiva (vínculo) que se pretende tratar neste trabalho pode ser descrito nos termos de “tendência apresentada pelas crianças, ou bebês de outras espécies, para estabelecer laços afetivos com a mãe ou outrem que cuide deles desde o nascimento” [...] (Mesquita e Duarte, 1996, p. 209).

Devido ao estado de completa dependência do bebê, é de importância vital e psíquica que outra pessoa seja capaz de interpretar suas necessidades de modo a lhe prover os devidos cuidados – não só físicos, mas também afetivos. Já em 1895, no “Projeto para uma psicologia científica” (publicado somente 1950, pois fora abandonado pelo autor), Freud aponta:

[...] O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por *ajuda alheia*, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da *comunicação*, e o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*. (Freud 1950 [1895]/1996, p. 370, grifos do autor).

Conforme a teoria de Freud (1905/1996) sobre as fases do desenvolvimento psicosssexual da criança (fases oral, anal, fálica e genital), a alimentação, no início da vida, está intrinsecamente ligada à satisfação sexual, pois

[...] a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem tampouco se diferenciaram correntes opostas em seu interior. O objeto de uma atividade é também o da outra, e o alvo sexual consiste na incorporação do objeto — modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma da identificação. (Freud, 1905/1996, p. 187).

Tanto a amamentação como a “primeira experiência de prazer” (Freud, 1910b/1913, p. 149), como outras experiências vivenciadas nos primeiros anos de vida deixarão marcas indeléveis para o desenvolvimento posterior, incluindo a qualidade das relações estabelecidas com os pais ou cuidadores primários. Neste sentido, Freud afirma que: “[...] nos primeiros três ou quatro anos são fixadas impressões e estabelecidas formas de reação ao mundo externo cuja importância não poderá mais ser diminuída por nenhuma vivência posterior” (Freud, 1910b/1913, p. 156).

Assim, o que se tem por meta neste trabalho é estabelecer os momentos de constituição da ligação afetiva com um objeto. Objeto, neste caso, refere-se “[...] aquilo em que e por que esta [a pulsão] procura atingir a sua meta, isto é, um certo tipo de satisfação. Pode tratar-se de uma pessoa ou de um objeto parcial, de um objeto real ou de um objeto fantasístico.” (Laplanche e Pontalis, 2001, p. 321).

A propósito, instinto (ou pulsão, dependendo da tradução), é um conceito de difícil definição, pois – tal como vários outros – foi sendo modificado ao longo da obra freudiana. Isso sem mencionar a discussão em torno de sua tradução, já que, para alguns autores e tradutores, instinto representaria um elemento biológico pré-determinado, comum às espécies e com objeto fixo (o que, para alguns, estaria em dissonância com o sentido proposto por Freud, que enfatiza a contingência do objeto instintual). Porém, para a finalidade deste trabalho, ficaremos com o termo proposto por Souza (2010), *instinto*, cuja definição será proposta por Laplanche e Pontalis (2001) como sendo o “processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo” (p. 394).

Iniciaremos com o primeiro capítulo dedicado à vivência de satisfação, em razão da importância conferida a este momento inaugural da vida psíquica, quando ocorrem as primeiras inscrições do objeto.

Depois seguiremos para a sexualidade infantil, quando o objeto já aparece, porém em suas formas parciais. No terceiro capítulo, trataremos do narcisismo, em

que o próprio Eu já se anuncia como um objeto total. Em seguida, veremos o complexo de Édipo (capítulo 4) e sua importância para a constituição psíquica, bem como a relação de ambivalência que se estabelece com os objetos primários. Para finalizar, daremos um destaque especial à questão da identificação, noção fundamental para compreender o laço com o outro – seja na saída do Édipo, seja como forma mais primitiva de vínculo (tal como postulado na década de 1920).

Para esta pesquisa, que será de cunho bibliográfico, levantaremos, no escopo da obra de Freud, conteúdos relativos à formação das ligações afetivas primordiais. Os materiais coletados serão analisados e discutidos através de uma leitura interpretativa e comparativa dos diversos textos e momentos da teoria freudiana. Com isso, esperamos compor uma base freudiana que possibilite compreender os desdobramentos dessa questão no âmbito da psicanálise ao longo de sua história.

Com relação ao conhecido problema das fontes, tradução e terminologia da psicanálise freudiana, optou-se por utilizar a edição das obras completas da Companhia das Letras, traduzidas diretamente do alemão por Paulo César de Souza, publicados treze volumes até o presente momento. No caso dos textos que ainda não foram traduzidos por esta editora, foram usados os da Editora Imago, cuja tradução é alvo de justificadas críticas. Porém, devido à impossibilidade de utilização dos textos originais, pareceu-nos conveniente permanecer no campo das edições brasileiras; manteve-se a referência à Imago por ser ainda a edição mais difundida em nosso país.

A terminologia usada neste trabalho está em consonância com o vocabulário empregado pelo tradutor mencionado (Paulo César de Souza), cujas justificativas para o uso de determinados termos em detrimento de outros estão amplamente explicitadas em seu livro *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*, publicado pela Companhia das Letras em 2010. Nas citações diretas serão mantidos os termos originais descritos pelo autor e pela edição utilizada.

A título de uniformização do texto, é válido fazer uma breve relação dos termos em alemão, seguidos da tradução da *Standard Edition*, a correspondência da edição brasileira da Imago e a alternativa proposta pela publicação da Companhia das Letras.

Edição alemã	<i>Standard Edition</i>	Edição brasileira Imago	Edição Companhia das Letras
Ich	Ego	Ego	Eu
Es	Id	Id	Id
Überich	Superego	Superego	Super-eu
Besetzung	Cathexis	Catexia	Investimento
Verdrängung	Repression	Recalque / Repressão	Repressão
Vorstellung	Idea	Ideia / Representação	Representação
Angst	Anxiety	Angústia / Ansiedade	Angústia
Nachträglich	Deferred action	A posteriori / Ação retardada	A posteriori
Verneinung	Negation	Negação / negativa	Negação
Trieb	Instinct	Instinto / Pulsão	Instinto

Como não poderia deixar de ser, a dificuldade de tradução é algo a ser considerado em toda a sua extensão e que deve ser constantemente questionado, pois, como Souza (2010) assevera, não é possível presumir que haja “equivalência mais ou menos exata entre os sentidos e as famílias de palavras de duas línguas”, a menos que os tradutores sofram de “uma certa ingenuidade linguística” (p. 228). De qualquer modo, sempre é importante assinalar de que ponto estamos partindo e qual será o nosso trajeto, a fim de evitar confusões desnecessárias.

Feitas essas considerações, vamos para o primeiro capítulo em que trataremos da vivência de satisfação e sua importância para os desdobramentos de nossa vida psíquica.

CAPÍTULO 1. A VIVÊNCIA DE SATISFAÇÃO

Como o objetivo desta monografia é percorrer os momentos que Freud teorizou sobre as primeiras ligações com o objeto no início da vida, podemos pensar como a vivência de satisfação pode ser incluída nesse contexto, uma vez que se refere à intervenção de outra pessoa no sentido de proporcionar alívio a um desconforto que o bebê não é capaz de suprir por si mesmo.

Para isso, começaremos pelo *Rascunho E. Como se origina a angústia* (1894/1996), depois seguiremos para o *Projeto para uma psicologia científica* (1950 [1895]/1996) e para *A interpretação dos sonhos* (1900/1996), complementando com reflexões desenvolvidas por Freud em textos posteriores, como *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911a/2010), *Além do princípio do prazer* (1920/2010) e *A negação* (1925a/2011).

Antes de adentrarmos nos textos, é importante estabelecer o que se entende por vivência de satisfação, e para isso contamos com a definição de Laplanche e Pontalis (2001):

[É um] tipo de experiência originária postulada por Freud e que consiste no apaziguamento, no lactente, e graças a uma intervenção exterior, de uma tensão interna criada pela necessidade. A imagem do objeto satisfatório assume então um valor eletivo na constituição do desejo do sujeito. Ela poderá ser investida na ausência do objeto real (satisfação alucinatória do desejo) e irá guiar sempre a busca ulterior do objeto satisfatório. (Laplanche e Pontalis, 2001, p. 530).

A noção de vivência de satisfação aparece pela primeira vez no *Rascunho E. Como se origina a angústia*, cuja data estimada é 1894 (sem confirmação, porém). Neste texto, Freud argumenta que a angústia que seus pacientes neuróticos sentiam estava relacionada com a sexualidade, mais precisamente com a tensão sexual acumulada, à qual não era dada a vazão adequada. Essa ideia entrará na constituição de sua primeira teoria da angústia, que será completamente modificada em 1926, com a publicação de *Inibição, sintoma e angústia*. Essa tensão interna acumulada também incluía as necessidades biológicas como fome e sede, cujo alívio se daria através de uma ação específica proporcionada por outra pessoa

(fornecimento de alimento, por exemplo). Assim, Freud introduz o que será desenvolvido posteriormente como sendo a vivência de satisfação:

[...] A fonte da excitação [exógena] situa-se externamente e envia para dentro da psique um acréscimo de excitação que é manejado de acordo com sua quantidade.[...]

Mas as coisas se passam de modo diverso no caso da tensão endógena, cuja fonte se situa dentro do corpo do indivíduo (fome, sede, pulsão sexual). Nesse caso, só têm utilidade as *reações específicas* - reações que evitem novo surgimento de excitação nos órgãos terminais em questão, sejam essas reações exequíveis com maior ou menor gasto [de energia]. Aqui podemos supor que a tensão endógena cresce contínua ou descontinuamente, mas, de qualquer modo, só é percebida quando atinge um determinado limiar. É somente acima desse limiar que a tensão passa a ter significação psíquica, que entra em contacto com determinados grupos de idéias que, com isso, passam a buscar soluções. [...] (Freud, 1894/1996, p. 237-238).

No ano seguinte (1895), Freud enviou a seu amigo otorrinolaringologista, Wilhelm Fliess, juntamente com a Carta 29, um extenso documento (incompleto, entretanto) em que se tratava de teorizações acerca do funcionamento do aparelho psíquico descritas em termos neurológicos, teorizações essas que são possíveis de identificar como esboços de várias concepções desenvolvidas posteriormente ao longo de sua obra. Este material foi abandonado pelo próprio Freud e publicado em alemão somente em 1950, sendo a tradução inglesa disponibilizada quatro anos mais tarde, sob o título *Projeto para uma psicologia científica* (ou simplesmente *Projeto*).

Nesse valioso material há um tema que nos interessa particularmente: a vivência de satisfação. Essa noção (já introduzida no *Rascunho E*) é desenvolvida em detalhes. Neste texto os fenômenos psíquicos são descritos em termos neuronais, havendo três tipos: os neurônios de percepção (Φ [phi]), os da memória (Ψ [psi]) e os da consciência (ω [ômega]). Os neurônios de percepção recebem os estímulos advindos do mundo externo através dos órgãos dos sentidos; os neurônios da memória são os receptores dos estímulos endógenos, ou seja, do interior do próprio corpo. Esses dois tipos de neurônios se referem a aspectos quantitativos dos estímulos. Finalmente, os neurônios da consciência são responsáveis pela produção das experiências conscientes, isto é, pelo aspecto

qualitativo dos estímulos processados pelo aparelho psíquico (Bezerra Junior, 2013, p. 130).

Freud propõe, então, o aparelho psíquico como sendo um aparelho reflexo cuja função é manter-se no estado mais constante e livre possível de excitações. Quando ocorre o acúmulo de excitações, a sensação é de desprazer, o que provocará a descarga motora a fim de aliviar esse estado de tensão.

Semelhante ao postulado no *Projeto*, porém em termos psicológicos e não mais neurológicos, Freud desenvolveu em *A interpretação dos sonhos* (1900/1996) o esquema do aparelho psíquico em que os fenômenos são descritos em termos econômicos de circulação de energia, ou seja, quantidades de excitação que aumentam e diminuem causando desprazer e prazer, respectivamente. Como no texto de 1895, o estado de tensão ocorre quando há acúmulo de excitação, o que causa uma sensação de desprazer e impele a necessidade de liberar esse acúmulo, ou seja, a descarga (Freud, 1900/1996, p. 624).

Usando as necessidades vitais como modelo, Freud postula que, no começo da vida, o bebê, ao sentir fome pela primeira vez, sente-a como fonte de grande tensão que precisa ser rapidamente descarregada. Em razão de seu “estado de desamparo inicial” (1950 [1895]/1996, p. 370), ou seja, sua completa dependência dos cuidados de outra pessoa e sua impotência para prover por si próprio as ações que dariam fim à tensão, o único recurso disponível de que o bebê dispõe é a descarga motora, isto é, a expressão das emoções através do choro e do grito; porém, como isso não aplaca a tensão, o bebê necessita de uma intervenção externa que consiga produzir alívio. Esta intervenção externa só pode ser efetuada por *outra pessoa* que seja capaz de interpretar sua reação motora e lhe forneça a provisão necessária (leite, no caso do exemplo da fome). Essa “ação específica” (1950 [1895]/1996, p. 370) da outra pessoa combinada com a descarga motora do bebê (choro, grito) adquire também a função da *comunicação* (1950 [1895]/1996, p. 370), e é registrada no psiquismo como uma *imagem mnêmica*, ou seja, uma conexão entre o alívio do desprazer e a intervenção dessa outra pessoa. Quando houver novamente o acúmulo de tensão, o bebê buscará nesse primeiro registro a repetição da experiência em que se deu o alívio da tensão. A este impulso do aparelho psíquico para buscar o primeiro registro que lhe proporcionou a vivência de satisfação e repetir essa mesma experiência, Freud dá o nome de *desejo*:

[...] com o reaparecimento do estado de *urgência* ou de *desejo*, a catexia também passa para as duas lembranças, reativando-as. É provável que a imagem mnêmica do objeto será a primeira a ser afetada pela *ativação do desejo*. (Freud, 1950 [1895]/1996, p. 371, grifos do autor).

Isso significa que quando ocorre novamente o estado de tensão devido ao acúmulo de excitações o aparelho psíquico tende a repetir o caminho já percorrido anteriormente para a descarga dessa tensão, recorrendo ao mesmo objeto que proporcionou a primeira satisfação, investindo essa imagem. A isso Freud chama *realização do desejo*:

Em decorrência do vínculo assim estabelecido, na próxima vez em que essa necessidade for despertada, surgirá de imediato uma moção psíquica que procurará recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original. Uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o caminho mais curto para essa realização é a via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo para uma completa catexia da percepção. (Freud, 1900/1996, p. 594).

Note-se que agora temos o objeto real/externo e um registro dele, uma imagem mnêmica inscrita no aparelho psíquico do bebê. Se o objeto não estiver presente na realidade, a sensação de desprazer não será eliminada e a tensão irá permanecer. Mas em razão do primitivismo do aparelho psíquico, não é possível saber se o objeto é real ou não, e o que acontece é o investimento dessa imagem mnêmica como se fosse real, de forma alucinatória. Como essa alucinação não promove o alívio esperado, a sensação decorrente é a frustração. Dessa maneira, o bebê precisa encontrar meios mais eficazes de buscar a satisfação do desejo, e para tanto é necessário diferenciar o objeto real que produz a satisfação daquele que é apenas o registro em seu aparelho psíquico, ou seja, “evitar a confusão entre percepção real e alucinação, crucial para a sua sobrevivência” (Bezerra Junior, 2013, p. 138). Para isso, Freud postulará que existe uma estrutura interna com a função e capacidade de executar essa tarefa: o Eu. Neste momento da teorização, o Eu nada tem a ver com “a consciência, com uma projeção da totalidade do aparelho

psíquico, nem com o sujeito da percepção ou do desejo” (Bezerra Junior, 2013, p. 143); aqui o Eu é apenas uma organização interna com a função de inibir o processo de alucinação, de forma a impedir que objeto de desejo seja percebido como real quando, de fato, não está presente no mundo externo. Para isso, a percepção irá fornecer os sinais de realidade para o *Eu* de modo que este produza uma inibição do investimento da imagem mnêmica e assim evite a frustração.

Ainda no capítulo VII d’*A interpretação dos sonhos* (1900/1996) Freud amplia a teoria da vivência de satisfação desenvolvida inicialmente no *Projeto*, incluindo os conceitos de identidade perceptiva e identidade de pensamento, que designam respectivamente o processo primário e o processo secundário. O processo primário tende a mobilizar o aparelho psíquico na busca por uma percepção idêntica (daí identidade perceptiva) a que ele experimentou na vivência de satisfação. Este “método” de funcionamento do aparelho psíquico mostra-se ineficaz e precisa ser abandonado em favor do processo secundário, no qual a busca se dá pela equivalência entre o desejo e o objeto da realidade através da atividade do pensamento, que é o “substituto de um desejo alucinatório” (Freud, 1900/1996, p. 595).

Assim, o aparelho psíquico passa a operar de modo que a excitação surgida da necessidade não alcance a percepção e sim desvie por alguma via indireta, podendo chegar à parte motora proporcionando um movimento voluntário que altere o mundo externo “de tal maneira que se tornasse possível chegar a uma percepção real do objeto de satisfação” (Freud, 1900/1996, p. 625).

Até aqui podemos pensar que esse primeiro objeto que fornece ao bebê o alívio de suas necessidades básicas e lhe proporciona a vivência de satisfação (que ficará registrada em seu psiquismo de forma definitiva) é o primeiro contato com algo que não seja o próprio bebê, ainda que neste momento da vida não haja essa percepção da diferença entre ele e o outro, entre seu mundo interno e o mundo externo. Essa diferença é instaurada com a aquisição do pensamento, que possibilita “tornar presente algo percebido, reproduzindo-o na imaginação, sem que o objeto necessite mais existir no exterior” (Freud, 1925a/2011, p. 279).

No entanto, esse registro sempre servirá de base para outras experiências que o bebê for acumulando ao longo de seu desenvolvimento e permanecerá como referência para a busca da realização do desejo: “a impressão orgânica dessa

primeira experiência de prazer em nossa vida provavelmente permaneceu em nós, indestrutível” (Freud, 1910b/2013, p. 148).

À medida que o aparelho psíquico vai se desenvolvendo, torna-se de fundamental importância que ele seja capaz de diferenciar o objeto real (que pode lhe proporcionar satisfação, ainda que não seja a vivida originalmente) daquele que é alucinado, ou seja, quando se investe na *representação* do objeto original, já que disso vai depender também a sua própria sobrevivência, conforme descrevemos acima. Isso é o que Freud desenvolverá dez anos mais tarde como sendo o princípio de realidade, o que nos leva ao texto de 1911, *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*, em que ele retoma as distinções entre processo primário e processo secundário; a diferenciação do aparelho psíquico entre o que se passa no mundo interno e no mundo externo, e também o surgimento do processo de pensamento, que servirá como recurso à satisfação imediata do instinto. O exemplo do bebê com fome é retomado como a base para a elaboração desses processos:

[...] Com razão se objetará que tal organização, que se abandona ao princípio do prazer e negligencia a realidade do mundo externo, não poderia se manter viva por um tempo mínimo, de modo que nem sequer chegaria a nascer. O emprego de uma ficção como essa se justifica, porém, pela observação de que o bebê, se considerarmos igualmente o cuidado materno, quase que realiza um sistema psíquico desse tipo. Ele provavelmente alucina o atendimento de suas necessidades internas, revela seu desprazer com o estímulo crescente e a ausência de satisfação, através da descarga motora dos gritos e do esperneio, e então experimenta a satisfação alucinada. Mais tarde, quando criança, aprende a utilizar essas manifestações de descarga intencionalmente, como meios de expressão. Como o trato dos bebês é o modelo do posterior cuidado das crianças, o domínio do princípio do prazer só pode realmente acabar quando há o completo desligamento psíquico dos pais. [...] (Freud, 1911a/2010, p. 112, nota de rodapé 4).

Somente quando houver este suposto “completo desligamento psíquico dos pais” (suposto, porque sabemos que as relações parentais são fundantes do psiquismo e deixam traços permanentes) é que o princípio de realidade pode passar a ser dominante. Enquanto houver dependência dos pais/objetos externos o princípio do prazer continuará em ação. Ora, como sempre teremos vínculos

(psíquicos) com os pais e sempre dependeremos de objetos externos, o princípio do prazer é indestrutível. Esta é uma afirmação recorrente em Freud: o princípio do prazer jamais é eliminado ou substituído inteiramente pelo princípio de realidade; este opera, na verdade, a serviço daquele.

Em outro ponto do texto, a relação entre princípio do prazer e princípio de realidade fica bem clara:

Assim como o Eu-de-prazer não pode senão *desejar*, trabalhar pela obtenção de prazer e evitar o desprazer, o Eu-realidade necessita apenas buscar o que é útil e proteger-se dos danos. Na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo da realidade não significa a deposição do princípio do prazer, mas a sua salvaguarda. Abandona-se um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, para ganhar, no novo caminho, um prazer seguro, que virá depois. [...] (Freud, 1911a/2010, p. 116-117).

O Eu-de-prazer é o Eu primitivo para o qual a única coisa que importa é a obtenção de prazer, expulsando tudo o que possa lhe parecer desagradável e fonte de desprazer, enquanto que o Eu-realidade trabalha no sentido de verificação do que é útil para si e na conferência da segurança de sua unidade. Esse posicionamento de Freud é mantido inclusive nos textos posteriores, como em 1930, em *O mal-estar na civilização*, no qual podemos notar a formação da noção de objeto com base no que é interno e no que é externo ao Eu:

Surge a tendência a isolar do Eu tudo o que pode se tornar fonte de tal desprazer, a jogar isso para fora, formando um puro Eu-de-prazer, ao qual se opõe um desconhecido, ameaçador “fora”. As fronteiras desse primitivo Eu-de-prazer não podem escapar à retificação mediante a experiência. Algumas coisas a que não se gostaria de renunciar, por darem prazer, não são Eu, são objeto, e alguns tormentos que se pretende expulsar revelam-se como inseparáveis do Eu, de procedência interna. (Freud, 1930/2014, p. 18-19).

Porém, como apontam Laplanche e Pontalis (2001), Freud enfatiza no texto *A negação*, publicado em 1925, o “caráter irredutível da satisfação originária e a sua função decisiva para a procura ulterior de objetos” (p. 531). Não são somente as características reais do objeto que contam, mas a percepção de que esse objeto pode prover o mesmo prazer experimentado primordialmente. O exame da realidade

tem que conferir até que ponto esse objeto é semelhante ao percebido para assim investir nele ou não; em qualquer dos casos, porém, obterá uma satisfação parcial, uma vez que o objeto original (o da vivência de satisfação) está perdido. “A meta inicial e imediata do exame de realidade não é, portanto, encontrar na percepção real um objeto correspondente ao imaginado, mas sim reencontrá-lo, convencer-se de que ainda existe.” (Freud, 1925a/2011, p. 280).

Em suma: o desejo que foi desencadeado pela busca do objeto da vivência de satisfação é o que põe em movimento o aparelho psíquico. Porém, o prazer obtido originalmente nunca será alcançado, de modo que o sujeito terá que se contentar com objetos substitutos que proporcionam satisfações parciais.

Em 1920, em *Além do princípio do prazer*, Freud retoma muitas de suas primeiras teorias acerca do funcionamento do aparelho psíquico – inclusive muitos elementos expostos no *Projeto* (Freud, 1950 [1895]/1996), sem, no entanto, mencionar o texto abandonado. Grande parte dessas teorias foi reformulada, inclusive a questão do princípio do prazer como sendo o único modo de operação do aparelho psíquico. Ele introduz o conceito de *instinto de morte* como sendo também uma forma de funcionamento (concomitante ao instinto de vida), cujo sentido é a tendência de todo organismo a retornar ao estado anterior à vida, ou seja, inorgânico. Para o objetivo do nosso trabalho, selecionamos especificamente este trecho, incluído na parte IV:

[...] A evolução humana, até agora, não me parece necessitar de explicação diferente daquela dos animais, e o que observamos de incansável ímpeto rumo à perfeição, numa minoria de indivíduos, pode ser entendido como consequência da repressão instintual em que se baseia o que há de mais precioso na cultura humana. O instinto reprimido jamais desiste de lutar por sua completa satisfação, que consistiria na repetição de uma *vivência primária de satisfação*; todas as formações substitutivas e reativas, todas as sublimações não bastam para suprimir sua contínua tensão, e da diferença entre o prazer de satisfação encontrado e o exigido resulta o fator impulsor que não admite a permanência em nenhuma das situações produzidas, mas, nas palavras do poeta, “sempre impele, indomável, para a frente” (Mefistófeles, no Fausto, I, Gabinete de estudos [cena 4]). [...] (Freud, 1920/2010, p. 209-210, grifo nosso).

Assim, apesar das diversas modificações de suas teorias, Freud continuou considerando a vivência de satisfação como sendo o propulsor do desejo, aquilo que impulsiona o aparelho psíquico na busca pela sua realização, que nunca será satisfeito e que sempre o manterá sob tensão, e, conseqüentemente, em atividade.

Finalizando, portanto, nosso percurso pela noção de vivência de satisfação, como sendo um primeiro contato com um objeto externo (ainda que não percebido como tal) e do registro dessa experiência no psiquismo, passemos agora a um panorama da sexualidade infantil, no qual iremos abordar os primórdios da sexualidade e sua importância para a constituição psíquica da criança, destacando o papel dos objetos nesse desenvolvimento.

CAPÍTULO 2. A SEXUALIDADE INFANTIL

Passemos ao exame da sexualidade infantil, agora com experiências que proporcionam um acréscimo de prazer (não relacionado apenas com o alívio da tensão, como na vivência de satisfação), essencial para a formação psíquica em curso nesse início da vida.

Para esse objetivo, utilizaremos, sobretudo, o texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), com todas as alterações e atualizações que Freud fez ao texto original desde sua publicação em 1905 até 1925, quando se deu a versão definitiva. Incluiremos também textos posteriores que versam sobre a diferença sexual e a sexualidade feminina, como *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925b/2011); *Sobre a sexualidade feminina* (1931/2014) e a *Conferência 33. A feminilidade* (1933c/2014).

Partindo de uma base biológica para o registro da primeira experiência de prazer sentida pelo bebê (a vivência de satisfação), e tendo como resultado o desejo como sendo a busca por uma repetição dessa experiência, Freud formula em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996) que o alvo sexual do instinto infantil é promover a satisfação através da estimulação de uma zona erógena determinada.

Zona erógena é qualquer parte do corpo que se tornou foco de excitação sexual, seja através da manipulação, seja por ser fonte de alguma função orgânica que possa ser experimentada com prazer. Essa zona erógena não é eleita ao acaso, ela foi antes vivenciada como fonte de alívio para algum desconforto, como a boca, por exemplo. O bebê sente fome e o contato da boca com o seio (ou seu substituto), que irá fornecer o alimento que aplacará o desprazer, é vivenciado com prazer (Freud, 1905/1996, p. 173). Dessa maneira, “a princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento” (Freud, 1905/1996, p. 171).

Com o aparecimento dos dentes, os alimentos vão sendo diversificados e o bebê vai experimentando sensações diferentes, inclusive testando partes de seu próprio corpo, o que lhe confere um pouco mais de autonomia em relação ao mundo externo, sobre o qual não tem controle. Assim, quando sentir algum desconforto, pode recorrer ao que tem ao seu alcance imediato, até que perceba que isso não lhe trará a satisfação almejada. Temos, então, que “a atividade sexual apóia-se

primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas. [...] A necessidade de repetir a satisfação sexual dissocia-se então da necessidade de absorção de alimento” (Freud, 1905/1996, p. 171). Essa satisfação dissociada da função orgânica é o que constituirá a sexualidade infantil.

A manifestação sexual infantil, portanto, possui três características: “nasce apoiando-se numa das funções somáticas vitais, ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo *auto-erótica*, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma *zona erógena*” (Freud, 1905/1996, p. 172). A sexualidade infantil é autoerótica porque se satisfaz no próprio corpo, não necessitando recorrer a objetos externos. Antes de atingir a fase em que os instintos investem em objetos externos, há o que Freud (1914/2010) denominou de narcisismo, mas em razão de sua complexidade, reservamos-lhes o próximo capítulo.

Assim como a boca, a região anal e os genitais também configuram zonas erógenas em que a sexualidade também se apoia nas funções vitais. Os cuidados de higiene e o manuseio dessas partes do corpo pelo cuidador são fontes de grande excitação para o bebê, que lhe despertam a vontade de repetir essas experiências corporais (Freud, 1905/1996).

A sexualidade nesse momento da vida não está centrada na genitalidade, que veremos mais à frente, mas sim dispersa e desorganizada. É o que Freud (1905/1996) denominou de disposição perverso-polimorfa. Perversa porque não está submetida à genitalidade, e polimorfa por ser composta de diversas partes do corpo. Essa sexualidade não está pronta desde o início; é necessário passar por fases de desenvolvimento para sua organização: oral, anal, fálica e genital. É importante frisar que essas fases não são estanques e nem é preciso “superar” uma fase para adentrar em outra, podendo ocorrer duas ou mais fases simultaneamente. A divisão é uma forma didática de como se dá esse desenvolvimento psicosssexual.

Na primeira fase, *oral*, temos a boca como principal zona erógena. A atividade sexual ainda não se separou da nutrição (conforme o exemplo acima) e o objeto da sexualidade coincide com o objeto da alimentação (seio), pois mamar no seio é a primeira atividade da criança e, como vimos na vivência de satisfação, foi o primeiro momento em que ela sentiu prazer – prazer esse que já é sexual, mas que ainda não pode ser desvinculado claramente do prazer advindo da alimentação

(Mezan, 2013). “[...] Os lábios da criança comportaram-se como uma *zona erógena*, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa” (Freud, 1905/1996, p. 171). Essa atividade da criança é sexual e está inicialmente apoiada na função da preservação da vida (a necessidade de alimento) e somente depois vai se tornar independente, especialmente com o aparecimento dos dentes.

A necessidade de repetir a satisfação sexual dissocia-se então da necessidade de absorção de alimento — uma separação que se torna inevitável quando aparecem os dentes e o alimento já não é exclusivamente ingerido por sucção, mas é também mastigado. A criança não se serve de um objeto externo para sugar, mas prefere uma parte de sua própria pele, porque isso lhe é mais cômodo, porque a torna independente do mundo externo, que ela ainda não consegue dominar [...] (Freud, 1905/1996, p. 171).

Em suma: a função sexual propriamente dita surge no momento em que o prazer que o bebê sente ao sugar o seio é desvinculado do ato de mamar como forma de nutrição. A região do corpo que experimenta esse prazer — a boca — passa a ser uma zona erógena e “o objeto sexual se fixa no dedo ou em qualquer outra região do corpo atingível pela boca, e a área escolhida invariavelmente se torna auto-erótica *depois* de desvincular-se do seio” (Mezan, 2013, p. 132).

Conforme expusemos no capítulo anterior, o bebê ainda não tem noção do que é interno e externo. Essa noção vai se formando gradualmente através das repetidas experiências de presença e ausência do seio materno. Portanto, o seio é a primeira percepção que o bebê tem de um objeto externo a si mesmo.

[...] O bebê lactante ainda não separa seu Eu de um mundo exterior, como fonte das sensações que lhe sobrevêm. Aprende a fazê-lo aos poucos, em resposta a estímulos diversos. Deve impressioná-lo muito que várias das fontes de excitação, em que depois reconhecerá órgãos de seu corpo, possam enviar-lhe sensações a qualquer momento, enquanto outras — entre elas a mais desejada, o peito materno — furtam-se temporariamente a ele, e são trazidas apenas por um grito requisitando ajuda. É assim que ao Eu se contrapõe inicialmente um “objeto”, como algo que se acha “fora” e somente através de uma ação particular é obrigado a aparecer. Um outro incentivo para que o Eu se desprenda da massa de

sensações, para que reconheça um “fora”, um mundo exterior, é dado pelas frequentes, variadas, inevitáveis sensações de dor e desprazer que, em sua ilimitada vigência, o princípio do prazer busca eliminar e evitar. (Freud, 1930/2014, p. 18).

Depois da fase oral, temos a fase *anal*, em que a zona erógena situa-se na região anal. Assim como a boca, “a zona anal está apta, por sua posição, a mediar um apoio da sexualidade em outras funções corporais” (Freud, 1905/1996, p. 175), pois é suscetível a excitações em razão dos frequentes distúrbios intestinais e também pelos cuidados de higiene dispensados pela mãe ou quem a substitui.

A criança, nesse momento, está aprendendo a adquirir controle dos esfíncteres por força da educação, e extrai prazer daí, pois ela pode “presentear” os pais com o produto de seu corpo (as fezes) ou retê-las. Dessa maneira, a criança percebe que as fezes têm valor, o que será internalizado para experiências posteriores. As fezes também contribuem para fortalecer a noção do que é externo e do que é interno, já que essas noções (si mesmo, mundo externo) vão sendo estabelecidas conforme a criança as vivencia a partir de suas próprias experiências corporais (Kusnetzoff, 1982).

Nesta fase a criança também experimenta a ambivalência, ou seja, sentimentos opostos direcionados ao mesmo objeto, já que “por um lado, os objetos podem ser expulsos, eliminados, suprimidos, destruídos e por outro lado, estes mesmos objetos podem ser apropriados e retidos, como uma possessão altamente valorizada e querida.” (Kusnetzoff, 1982, p. 46). A criança, ao se sentir frustrada, pode querer destruir o objeto, mas tem sentimentos de valorização e apreço por esse mesmo objeto, já que ele também é capaz de promover gratificações.

Aliás, a ambivalência, como aponta Freud (1921/2011), é comum a “quase toda relação sentimental íntima e prolongada entre duas pessoas” (p. 56), mas não é percebida porque geralmente os sentimentos hostis são reprimidos. Na criança, porém, os sentimentos contraditórios são vivenciados de forma natural e durante bastante tempo, “apenas mais tarde encontram lugar permanente, lado a lado, no inconsciente” (Freud, 1917/2014, p. 441).

Conforme dissemos, a mãe (ou quem a substitui) é o primeiro objeto do bebê em razão dos cuidados de higiene e alimentação, ainda que para ele não haja essa percepção (Freud, 1917/2014; 1925b/2011; 1931/2014; 1933b/2014). Ou seja, nesses primeiros momentos da vida estamos num universo dual. Somente mais

tarde o pai entrará nessa relação mãe-criança quando se colocar a questão da castração, a partir da fase fálica.

A fase *fálica*², que ocorre por volta do terceiro ano de vida, tem como principal característica a presença e a ausência do pênis, que “adquire o monopólio de ser o único valor de existência, tanto para o menino, que realmente o possui, quanto para a menina, que dele carece” (Kusnetzoff, 1982, p. 48). Cabe ressaltar que Freud só sistematizou a fase fálica em 1923 no texto *A organização genital infantil*, passando a incluí-la nas edições posteriores dos “*Três ensaios...*”. Neste período, para a criança o mundo se divide entre os que têm e os que não têm pênis, sendo regido pela oposição fálico/castrado.

A constatação da diferença anatômica entre os sexos é fonte de grandes questionamentos e preocupações, especialmente para o menino que teme perder seu pênis, que lhe é tão prezado por ser fonte de intensa gratificação (Freud, 1923/2011). Já a menina percebe que não o tem e quer tê-lo, ressentindo-se da mãe por não ter lhe dado um pênis, o que lhe provoca sentimentos de desvalia em comparação ao menino (Freud, 1925b/2011). Diante disso e também da curiosidade típica dessa fase com relação ao nascimento dos bebês e os mistérios envolvidos na sexualidade, as crianças formulam *teorias sexuais infantis* para tentar entender como se dão esses processos³.

Nesta fase também ocorre o início do complexo de Édipo, que “designa o conjunto de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta com relação a seus pais” (Zimerman, p. 73, 2008). *Grosso modo*, a criança deseja sexualmente um dos genitores, sentindo ódio pelo outro genitor e vendo-o como um rival que precisa ser eliminado. Como veremos com mais detalhes nos capítulos 4 e 5, esse processo culmina na identificação com os pais e no período de latência, que dura até a entrada na puberdade, quando tem início a fase genital.

Como apontam Laplanche e Pontalis (2001), Freud não se refere à latência como uma fase, mas como um período, já que não há “nova *organização da sexualidade*” (Laplanche e Pontalis, 2001, p. 264, grifo dos autores) como vemos

² É importante destacar o uso que se faz do termo *falo* e do termo *pênis*. Ainda que Freud não tivesse feito distinção entre esses termos, vários autores salientam a diferença, considerando o *pênis* o órgão sexual masculino em sua dimensão anatômica, enquanto *falo* possui um significado simbólico de poder, potência (Roudinesco e Plon, 1998; Laplanche e Pontalis, 2001; Zimerman, 2008). Neste trabalho, no entanto, manteremos os termos tais como Freud os utilizou.

³ Para maiores detalhes sobre esse assunto, vale a leitura de *Sobre as teorias sexuais infantis* (Freud, 1908).

nas fases anteriores, ainda que manifestações sexuais continuem ocorrendo. Na latência há uma suspensão do desenvolvimento da sexualidade: as até então intensas atividades sexuais da criança sofrem uma diminuição significativa – o investimento libidinal desliga-se dos pais e a energia é direcionada para outras atividades, como a socialização e a aprendizagem, por exemplo. Daí que a latência esteja sempre associada à possibilidade de sublimação da libido, isto é, o direcionamento para metas não sexuais, investindo em objetos valorizados socialmente. Durante esse período surgem também sentimentos envolvendo moralidade, pudor e repugnância, resultado da intensificação da repressão que provocou a amnésia infantil: o forte desenvolvimento sexual vivenciado nas fases anteriores não é lembrado pela criança e o investimento sexual nos objetos primários será transformado em identificação, conforme veremos no capítulo 5.

Por fim, a fase *genital* é “caracterizada pela organização das pulsões parciais e das diversas zonas erógenas sob o primado das zonas genitais” (Zimmerman, 2008, p. 168). Os instintos, que nas fases anteriores estavam dispersos e investidos em objetos parciais, agora se reúnem de forma organizada e estão centrados na genitalidade; a libido visa a um objeto externo, que pode estar situado no mundo real e que move a busca por relações sexuais (inclusive com a possibilidade de reprodução), ou na fantasia, que pode estimular uma atividade autoerótica, como a masturbação (Freud, 1905/1996). É a fase de organização sexual em que “somente então, o genital feminino tem o reconhecimento que o masculino adquiriu muito tempo antes.” (Freud, 1933b/2014). Se antes o pênis era o único a existir, agora há a clara diferença entre os dois sexos, cada qual com suas funções e especificidades, e “a intervenção do fator biológico representado pela aparição das substâncias sexuais exige que a descarga se faça pela via genital” (Mezan, 2013).

Como frisamos anteriormente, a sexualidade infantil se desenvolve apoiando-se na satisfação das necessidades vitais, incluindo também os primeiros investimentos objetais (Freud, 1933c/2014, p. 272). Além disso,

As primeiras vivências sexuais e de matiz sexual que a criança tem com a mãe são, naturalmente, de caráter passivo. Ela é amamentada, nutrida, limpada, vestida e ensinada a fazer tudo o que deve. Uma parte da libido da criança continua apegada a essas experiências e desfruta as satisfações a elas

relacionadas, outra parte procura convertê-las em atividade. (Freud, 1931/2014, p. 388).

Assim, as primeiras experiências que a criança tem do modo como foi cuidada ficarão registradas em seu psiquismo de forma permanente e servirão como modelo para que ela passe a reproduzi-las de forma ativa.

Em síntese, podemos concluir que ao longo do desenvolvimento psicosexual o objeto começa a tomar forma como algo separado da criança, diferentemente do momento da experiência de satisfação (analisada no capítulo anterior), em que se trata de uma primeira inscrição psíquica do objeto, inaugural do próprio psiquismo.

Começa também a haver sentimentos envolvendo esse objeto, mas não no sentido do amor e ódio próprios da genitalidade, já que essas designações “devem ser reservadas para a relação do Eu total com os objetos” (Freud, 1915/2012, p. 77). Os sentimentos, antes disso, estão relacionados com prazer e desprazer, gratificação e frustração, apreço e despreço.

Em síntese, portanto, os instintos parciais se reúnem e podem ser direcionados a um objeto externo ou serem investidos no próprio Eu, conforme veremos a seguir.

CAPÍTULO 3. O NARCISISMO

Conforme mencionado no capítulo anterior, antes de atingir a fase em que os instintos investem em objetos externos, há o que Freud (1914/2010) denominou de narcisismo, que, na definição de Laplanche e Pontalis (2001), é o “amor pela imagem de si mesmo” (p. 287). O termo narcisismo refere-se etimologicamente ao mito grego de Narciso, jovem de uma beleza singular que ficou fascinado pelo seu próprio reflexo nas águas de uma fonte e, pensando se tratar de outro ser, apaixonou-se. Mergulhou na água tentando, em vão, alcançar aquela imagem, em busca do desejo impossível. Percebendo, finalmente, que ele mesmo era o objeto de seu amor, quis se separar de sua própria pessoa e se feriu até a morte. Seu corpo se transformou numa flor. (Roudinesco e Plon, 1998, p. 530).

Este importante e complexo conceito é introduzido, num primeiro momento, como sendo a continuação do autoerotismo, momento este em que os instintos sexuais se satisfazem no próprio corpo, sem investir em objetos externos.

Como textos de base, utilizaremos *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia Paranoides) relatado em autobiografia* (“O caso Schreber”) (1911b/2010) e *Introdução ao narcisismo* (1914/2010), acrescentando outros materiais que complementem o assunto.

Freud postula que no início da vida não existe o Eu como sendo uma unidade – isto precisa ser constituído. Eis aqui um novo problema: a noção de Eu não é unívoca na obra freudiana, tendo seu sentido modificado de acordo com o período em que foi desenvolvido, especialmente com a formulação da segunda tópica. De acordo com Mezan (2013), há quatro elaborações acerca do conceito do Eu: a primeira data dos primeiros anos da psicanálise, já com o *Projeto para uma psicologia científica* (1895[1950]/1996), em que o Eu estava relacionado às funções de inibição impostas pela realidade; a segunda noção é de 1910-1911, com o Eu sendo o suporte dos instintos de auto conservação, ou seja, destinados à manutenção da vida; entre 1911 e 1914 o Eu aparece como sendo fundado sobre o conceito de narcisismo; finalmente, a partir de 1915, o Eu passa a ser formado por identificações – tema que abordaremos no capítulo 5.

Para o propósito deste trabalho, consideraremos a noção de Eu elaborada entre 1911 e 1914, na qual o Eu é apresentado como sendo o objeto a ser investido

pela libido. Libido⁴, a propósito, é a “energia postulada por Freud como substrato das transformações da pulsão sexual quanto ao objeto (deslocamento dos investimentos), quanto à meta [...] e quanto à fonte da excitação sexual (diversidade das zonas erógenas)” (Laplanche e Pontalis, 2001, p. 265-266), ou seja, é a energia do instinto sexual que se manifesta na vida psíquica.

O conceito de narcisismo também foi sendo modificado ao longo da obra, tendo sido abordado em diferentes concepções de acordo com os momentos teóricos formulados por Freud, mas, para o propósito do nosso trabalho, ficaremos com a definição inicial do narcisismo como sendo uma das etapas da constituição do Eu, pois “introduz uma primeira organização das pulsões e da mente” (Mezan, 2013, p. 225). Os instintos se reúnem sobre o próprio corpo, neste momento “percebido como unidade e totalidade geradora de prazer” (Mezan, 2013, p. 225). Será, portanto, o investimento libidinal na imagem do Eu:

uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo. (Freud, 1914/2010, p. 18).

Assim, no narcisismo, o Eu é o objeto que será investido pela libido. No autoerotismo, os instintos parciais ainda não estão reunidos, mas dispostos de forma desorganizada, buscando satisfação no próprio corpo.

Ele [o narcisismo] consiste no fato de o indivíduo em desenvolvimento, que unificou seus instintos sexuais que agem de forma autoerótica, a fim de obter um objeto de amor, primeiramente toma a si mesmo, a seu próprio corpo, como objeto de amor, antes de passar à escolha de uma outra pessoa como objeto. Uma tal fase mediadora entre autoerotismo e escolha objetual talvez seja imprescindível normalmente [...] (Freud, 1911b/2010, p. 176).

Logo, para que o bebê passe do autoerotismo para o narcisismo é necessário que os instintos sexuais – que antes estavam separados e

⁴ Tal como a noção de Eu, libido e narcisismo são conceitos de difícil definição haja vista as diversas modificações feitas por Freud ao longo de sua obra. Ficaremos, portanto, com os conceitos tais como foram desenvolvidos no mesmo período mencionado (1911 a 1914).

desorganizados – reúnam-se numa unidade e encontrem um objeto para investir. Esse objeto, num primeiro momento, não é externo à criança: é o próprio Eu, que constituiria uma imagem de si próprio, um objeto total, não mais parcial: “[...] os instintos sexuais antes separados já se juntaram numa unidade e encontraram um objeto; mas esse objeto não é externo, alheio ao indivíduo, e sim o próprio Eu, já constituído por esse tempo”. (Freud, 1912-1913, p. 140). Portanto, o Eu, neste mesmo momento em que está se constituindo, passa a ser um objeto que catalisa os instintos parciais, investindo-as em si mesmo. É assim que entendemos isto que Freud (1914/2010) chamou de *nova ação psíquica*.

À medida que o bebê vai internalizando as diferenças entre si mesmo e os objetos externos, ele começa a desinvestir o seu próprio Eu da libido até então concentrada e a direciona aos objetos externos, especialmente aqueles que forem fonte de gratificação. Porém, esse narcisismo infantil não pode ser transferido totalmente para a libido objetual – aquela que será investida em objetos externos, por causa da repressão. Sempre permanece uma parte dessa libido no Eu, o que Freud (1914/2010) denomina de *ideal do Eu*, isto é, uma imagem idealizada à qual o Eu toma como modelo a ser seguido.

A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal. (Freud, 1914/2010, p. 40).

É necessário salientar que, neste texto, Freud não faz diferença entre o que seria o *ideal do Eu* e o *Eu ideal*, mas outros autores preferem separar os conceitos, considerando o *ideal do Eu* como uma “convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos. É o modelo a seguir” (Laplanche e Pontalis, 2001, p. 222), enquanto que *Eu ideal* seria o “ideal narcísico de onipotência forjado a partir do

modelo do narcisismo infantil”, (Laplanche e Pontalis, 2001, p. 139). Entretanto, para nós, o importante é que o *Ideal do Eu* constituirá o âmago do Super-eu, herdeiro do complexo de Édipo, que estudaremos no capítulo a seguir.

Em resumo, o narcisismo como uma etapa fundamental na constituição psíquica é importante para o nosso tema em razão de que neste já se delineia a configuração de um objeto total, ainda que esteja localizado no próprio Eu. Posteriormente, a libido investida no Eu será destinada a objetos externos, como ocorre durante o complexo de Édipo, que veremos agora.

CAPÍTULO 4. O COMPLEXO DE ÉDIPO

Nos capítulos anteriores desenvolvemos todo o percurso que a criança percorre em seu psiquismo para que este se constitua, tendo como foco a relação com o objeto, ou melhor, como essa relação é fundada. Iniciamos pela vivência de satisfação, passamos pela sexualidade infantil, com todas as etapas constituintes e agora chegamos à fase do complexo de Édipo com o objetivo de ressaltar a dimensão do conflito entre as relações de amor/ódio para com os objetos incestuosos, bem como entre tais tendências e as interdições culturais.

Para essa finalidade, usaremos principalmente os textos *O Eu e o Id* (1923/2011), a *Conferência 21. O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais* (1917/2014), *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925b/2011) e *A dissolução do complexo de Édipo* (1924/2011).

Partiremos da definição de Laplanche e Pontalis (2001) em que o complexo de Édipo é o

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: o desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. [...] (Laplanche e Pontalis, 2001, p. 77).

Roudinesco e Plon (1998) nos contam uma síntese do mito grego de Édipo que, acreditamos, vale a pena reproduzir aqui. Édipo é filho de Laio e de Jocasta. Laio, para evitar que seja cumprida a profecia de que seria morto pelo próprio filho, entrega o bebê recém-nascido a um criado com a determinação de perfurar seus pés e abandoná-lo no monte Citéron. O bebê, porém, sobrevive após ser deixado aos cuidados de um pastor de ovelhas que o entrega ao rei de Corinto, Pólibo, que cuida do menino como seu próprio filho, dando-lhe o nome de Édipo (*oidipos: pés inchados*) (p. 166).

Édipo, já adulto, ouve rumores de que não seria filho de seus pais e decide procurar o oráculo Delfos para obter uma resposta. O oráculo lhe diz que ele matará o pai e desposará a mãe. Para evitar o cumprimento dessa predição, Édipo foge e na estrada para Tebas, luta com um desconhecido e mata-o, sem saber que se tratava de Laio, seu pai biológico. Ao chegar à cidade, encontra a Esfinge, que estava aterrorizando o povo, matando quem não decifrava seu enigma: “Quem é aquele que anda sobre quatro pés, depois, sobre dois e, depois, sobre três?” (Roudinesco e Plon, 1998, p. 166). Édipo responde corretamente, dizendo tratar-se do homem e a Esfinge se mata. Como recompensa, o regente de Tebas, Creonte, concede-lhe o casamento de sua irmã, Jocasta. Juntos têm quatro filhos: Eteoclés, Polinices, Ismene e Antígona.

Após vários anos, a cidade de Tebas é acometida pela peste e pela fome, que, de acordo com o oráculo, só cessarão quando o assassino de Laio for expulso da cidade. Tirésias, o adivinho cego, sabe da verdade, mas se recusa a falar. Édipo, ao saber que não é filho de Pólibo, associa os fatos do passado e descobre toda a verdade. Horrorizado, fura os olhos e se exila em Colono, junto com sua filha, Antígona. Jocasta se enforca.

Para Freud (1917/2014), “ele [Édipo] faz de tudo para escapar à sentença do oráculo e, por fim, pune a si mesmo com a cegueira ao descobrir que, de fato, cometeu ambos aqueles crimes sem saber” (p. 439). Roudinesco e Plon (1998) destacam a importância do mito de Édipo para Freud, que o toma como “paradigma do destino humano” (p. 166) e ao desenvolver o complexo de Édipo, considerou o destino como sendo “uma determinação psíquica vinda do inconsciente” (p. 166).

O complexo de Édipo ocorre simultaneamente à fase fálica, que estudamos no capítulo 2, e inicialmente é descrito por Freud como positivo ou negativo. Positivo refere-se ao fato de a criança se interessar amorosamente pelo genitor do sexo oposto, sentindo ódio pelo genitor do mesmo sexo; negativo, quando o objeto de desejo for do mesmo sexo da criança e o ódio for direcionado ao genitor do sexo oposto. Porém, a partir de 1923, considera que o complexo de Édipo também pode aparecer de forma completa, englobando as formas positiva e negativa:

[...] Uma investigação mais penetrante mostra, em geral, o complexo de Édipo mais completo, que é duplo, um positivo e um negativo, dependente da bissexualidade original da criança; isto é, o menino tem não só uma atitude ambivalente para com

o pai e uma terna escolha objetal pela mãe, mas ao mesmo tempo comporta-se como uma garota, exhibe a terna atitude feminina com o pai e, correspondendo a isso, aquela ciumenta e hostil em relação à mãe. [...] (Freud, 1923/2011, p. 41).

Exporemos a seguir o complexo de Édipo em sua forma positiva.

No menino, a mãe seria a depositária dos desejos amorosos, enquanto o pai seria o rival odiado, já que precisa disputar a atenção da mãe com ele: “o garotinho quer a mãe apenas para si, [...] sente a presença paterna como perturbadora, [...] se irrita quando o pai se permite demonstrar ternura a ela e [...] manifesta satisfação quando ele está viajando ou ausente” (Freud, 1917/2014, p. 441). Esse romance é destruído pelo complexo de castração: ao constatar a diferença anatômica em relação à menina, o menino considera que ela perdeu o pênis, e que isso pode acontecer com ele também, já que ele precisa “se convencer da falta do pênis, num ser tão semelhante a ele” (Freud, 1924/2011, p. 207).

Ele relaciona esse fato com as ameaças recebidas pelos adultos diante de seu grande interesse pela região genital. O pai acaba sendo a principal figura ameaçadora em razão do acesso que ele tem à mãe, que o menino tanto anseia. Porém, para salvaguardar o pênis, o menino precisa renunciar a esse investimento libidinal depositado em sua mãe e ao mesmo tempo abandonar os sentimentos hostis com relação ao pai. O complexo de Édipo tem, então, seu despedaçamento. Os objetos – especialmente as exigências e as interdições advindas deles e que agora estão desinvestidos libidinalmente – são incorporados ao Eu, através do processo de identificação – que, dada sua importância para nosso tema, será abordada no capítulo seguinte –, formando assim os núcleos do que após será o Super-eu: a instância do aparelho psíquico cujas funções são a consciência moral, a auto-observação e a formação de ideais (Laplanche e Pontalis, 2001, p. 497). Essas características do Super-eu também estão baseadas no que o Eu designou a si mesmo como *ideal*, o modelo ao qual o Eu deve seguir, conforme expusemos no capítulo 3.

Freud (1925b/2011) nos diz:

o complexo de Édipo não é simplesmente reprimido, ele realmente se despedaça com o choque da ameaça de castração. Seus investimentos libidinais são abandonados, dessexualizados e parcialmente sublimados, seus objetos são

incorporados ao Eu, onde formam o âmago do Super-eu e emprestam a essa nova formação traços característicos. No caso normal — melhor dizendo: ideal — não subsiste mais um complexo de Édipo no inconsciente, o Super-eu é o seu herdeiro. [...] (Freud, 1925b/2011, p. 297).

No caso da menina, a situação é diferente. O seu primeiro objeto de amor também é a mãe, mas para voltar-se para o pai como objeto de investimento libidinal, primeiro é necessário desinvestir a mãe. Isso ocorre quando a menina se dá conta, através da diferença anatômica, de que ela não possui pênis; afinal, a ilusão nessa etapa do desenvolvimento psicosssexual (fase fálica) é a de que existe um único órgão sexual: o masculino. Frente a isso, a menina se ressentida da mãe por ela não ter lhe dado um pênis, por “tê-la posto no mundo tão insuficientemente aparelhada” (Freud, 1925b/2011, p. 293). Além disso, a mãe é a protagonista dos diversos desapontamentos que a menina vem sofrendo desde que nasceu: perda do útero materno, do seio, das experiências de perda de pedaços de seu corpo a cada ato de defecação (Kuznetzoff, 1982, p. 78). A menina, então, volta-se para o pai com o desejo de possuir um filho dele, como compensação para sua falta de pênis: “ela abandona o desejo de possuir um pênis, para substituí-lo pelo desejo de ter uma criança, e com esta intenção toma o pai por objeto amoroso” (Freud, 1925b/2011, p. 295). Simultaneamente, a menina se identifica com a mãe, tomando-a como modelo de objeto de amor que o pai deseja, querendo, assim, ocupar o seu lugar.

Freud (1931/2014) observa que a difícil relação comumente existente entre mãe e filha pode ser explicada levando-se em consideração que a fase anterior ao Édipo na menina é mais intensa do que no menino em razão da troca de objeto amoroso que ela precisa fazer; troca essa que é carregada de ressentimentos. A rivalidade com a mãe não é facilmente superada e durante o complexo de Édipo ela é intensificada.

Tanto para a menina quanto para o menino, o complexo de Édipo é vivenciado com muito sofrimento, pois como Freud (1931/2014) salienta:

o amor da criança é desmedido, requer exclusividade, não se satisfaz com frações. [...] esse amor ser propriamente sem meta, incapaz de alcançar plena satisfação, e essencialmente por isso está condenado a acabar em decepção e dar lugar a uma atitude hostil. (Freud, 1931/2014, p. 381).

Porém, para a menina o complexo de Édipo se torna mais complicado do que no menino não só por causa da alteração do objeto de amor (e também pela alteração de zona erógena, do clitóris para a vagina), mas também porque a ameaça de castração que impele o menino a destruir o complexo de Édipo não tem efeitos sobre a menina, posto que já é castrada. Por isso, de acordo com Freud (1924/2011), há prejuízo na construção do Super-eu, que não é tão severo como no caso do menino. A menina não renuncia ao pênis de forma fácil, ela quer uma compensação pela sua desvantagem. Essa compensação seria o bebê que ela receberia como presente do pai. Como isso não se realiza, é a partir disso que o complexo de Édipo tende a ser gradualmente abandonado.

Conforme Freud (1925b/2011) sintetiza, “enquanto o complexo de Édipo do menino sucumbe ao complexo de castração, o da menina é possibilitado e introduzido pelo complexo de castração” (p. 296, grifos do autor). Isto é, no menino, o complexo de castração é o que põe fim ao complexo de Édipo, enquanto que na menina, esse mesmo complexo (de castração) é o que abre caminho para o conflito edípiano.

Tanto para o menino quanto para a menina, com a dissolução do complexo de Édipo, os objetos primários serão abandonados e ocorrerá a identificação com as figuras parentais, identificação essa que servirá de modelo também para o investimento em outros objetos. A interdição e a autoridade serão incorporadas e servirão como os núcleos do Super-eu, conforme vimos. Com essas transformações, sobrevirá um período de pausa no desenvolvimento sexual – a latência – e os instintos sexuais da criança serão direcionados para outras atividades, como o conhecimento, o que também coincide com a fase escolar:

Os investimentos objetais são abandonados e substituídos pela identificação. A autoridade do pai ou dos pais, introjetada no Eu, forma ali o âmago do Super-eu, que toma ao pai a severidade, perpetua a sua proibição do incesto e assim garante o Eu contra o retorno do investimento libidinal de objeto. As tendências libidinais próprias do complexo de Édipo são dessexualizadas e sublimadas em parte, o que provavelmente ocorre em toda transformação em identificação, e em parte inibidas na meta e mudadas em impulsos ternos. Todo o processo, por um lado, salvou o genital, afastou dele o

perigo da perda, e, por outro lado, paralisou-o, suspendeu sua função. Com ele tem início o período de latência, que interrompe o desenvolvimento sexual da criança. (Freud, 1924/2011, p. 208-209).

Portanto, o complexo de Édipo é fundamental para a constituição do psiquismo também por possibilitar o acesso à genitalidade que, não sendo naturalmente assegurada pelo desenvolvimento biológico, precisa ser instaurada através da resolução da crise edípica. Com isso, a escolha de objeto não incestuosa fica viabilizada, apesar de sempre haver marcas dos primeiros objetos.

Com o amadurecimento físico e hormonal, é possível para o jovem concretizar o ato sexual genital, isto é, atingir a satisfação direta: “com a puberdade se introduzem novas, fortes tendências à satisfação das metas sexuais diretas” (Freud, 1921/2011, p. 70). Essas metas, determinadas pelos *impulsos sexuais diretos*, referem-se à união sexual de duas pessoas quando “amor sexual tornou-se mais significativo para o Eu” (Freud, 1921/2011, p. 108), ou seja, quando estão envolvidas amorosamente (apaixonadas). A satisfação ocasiona a perda de energia, que precisará de um tempo para ser renovada pelo acúmulo de libido sexual, podendo inclusive trocar de objeto. Portanto, o objeto que é alvo dos impulsos sexuais diretos pode sofrer variações.

Além dos impulsos sexuais diretos, há também os *instintos sexuais inibidos na meta* que se dedicam à formação de ligações duradouras, mas que não proporcionam satisfação sexual, pois eles surgiram dos impulsos sexuais diretos que foram impedidos de atingir sua meta por conta de obstáculos íntimos ou externos. Possivelmente são esses os instintos que estão envolvidos na criação de vínculos afetivos duradouros. Freud (1921/2011) afirma que “onde quer que deparemos com um sentimento terno, ele constitui o sucessor de um laço objetal inteiramente “sensual” com a pessoa em questão ou seu modelo (sua imago)” (p. 105), isto é, a ternura que a criança sentirá por seus pais após a resolução edípica será sucessora dos desejos sexuais que ela anteriormente sentiu por essas figuras, desejos esses que foram reprimidos por serem incompatíveis com as exigências da cultura.

Vale destacar que esses diferentes instintos podem ser combinados entre si em qualquer grau, um influenciando o outro, como no caso de relações que começaram pela amizade e se transformaram em desejos eróticos, ou seja, relações em que estão misturadas a corrente terna (dos instintos sexuais inibidos na meta) e

a corrente sensual (dos impulsos sexuais diretos) em torno do mesmo objeto. Entretanto, pode acontecer também de esses instintos permanecerem separados, provocando uma dissociação dessas duas correntes, como é o exemplo de pessoas que não conseguem ter relação sexual com o ser amado (Freud, 1912b/2013).

Portanto, o jovem agora vai precisar conciliar suas necessidades instintuais – que reaparecem de forma intensa nessa fase – com o que é exigido para a vida em sociedade. Ainda que a tendência seja o investimento libidinal recair sobre os objetos escolhidos na infância, o aparelho psíquico deverá operar no sentido de direcionar essa libido a objetos desconhecidos, fora do âmbito familiar. Do ponto de vista psicanalítico, esses objetos sempre serão substitutos, uma vez que “o objeto definitivo do instinto sexual nunca mais é o original” (Freud, 1912b/2013, p. 361), isto é, aquele da vivência de satisfação; e por isso mesmo não são capazes de promover a satisfação desejada (Freud, 1910a/2013).

Nas palavras de Kusnetzoff (1982):

Agora, toda a luta do aparelho psíquico será entre uma tendência à escolha objetual primária carregada de libido genital com *possibilidades fisiológicas reais* de efetivação, e uma outra tendência antitética cujo sentido é o de fazer desaparecer, deslocar e transformar esta escolha parental numa escolha que esteja em conformidade com as normas de exogamia impostas no período edípico. (Kusnetzoff, 1982, p. 113).

É importante frisar que o termo *escolha* não se refere a uma decisão tomada de forma consciente e deliberada, mas sim “evoca o que pode haver de irreversível e de determinante na eleição pelo sujeito, num momento decisivo da sua história, do seu tipo de objeto de amor” (Laplanche e Pontalis, 2001, p. 154). Estamos falando, portanto, de escolha inconsciente.

Desse modo, o objeto que será investido na fase genital não é totalmente inédito: ele tem características que remetem aos objetos primários. Como citamos no final do capítulo anterior, “o encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (Freud, 1905/1996, p. 210). A escolha dos objetos não se dará de forma aleatória, ela estará relacionada com as primeiras experiências, ou seja, a criança irá “*amar* outras pessoas que ajudam em seu desamparo e satisfazem suas necessidades” (Freud, 1905/1996, p. 210, grifo do autor). Isso acontecerá de acordo com o modelo

que ela internalizou dos cuidados recebidos, que foram fontes intensas de excitação e de satisfação sexuais.

[...] a escolha objetal é guiada pelos indícios infantis, renovados na puberdade, da inclinação sexual da criança pelos pais e por outras pessoas que cuidam dela, e que, desviada dessas pessoas pela barreira do incesto erigida nesse meio-tempo, orienta-se para outras que se assemelhem a elas. (Freud, 1905/1996, p. 221).

Com a dissolução do complexo de Édipo e a interdição do incesto – que é, principalmente, uma imposição cultural da sociedade – a criança aprenderá a amar outras pessoas, a investir libidinalmente outros objetos que não os primários. Conforme adiantamos no capítulo sobre sexualidade infantil, neste momento é que se pode falar em amor e ódio, pois aqui a relação é do Eu total com seus objetos e não mais dos instintos separadamente (Freud, 1905/1996)

Aliás, sobre o incesto, Freud (1917/2014) adverte que, em regra, a primeira escolha de objeto que o ser humano faz é incestuosa: as figuras parentais são as primeiras a serem investidas libidinalmente e, mesmo depois de desinvestidas, elas continuarão sendo os modelos dos objetos amorosos desejados. “Originalmente só conhecemos objetos sexuais; a psicanálise nos faz ver que as pessoas que em nossa vida são apenas estimadas ou respeitadas podem ser ainda objetos sexuais para o inconsciente dentro de nós” (Freud, 1912a/2010, p. 142-143).

Tudo isso, porém, não estará disponível à consciência, pois é no terreno das fantasias que essa escolha de objeto se dá, ou seja, trata-se do investimento nas representações desses objetos que estão registradas no psiquismo:

[...] na época da puberdade, quando o instinto sexual pela primeira vez faz suas demandas com força plena, os velhos objetos familiares e incestuosos são retomados e, de novo, investidos de libido. A escolha objetal infantil foi apenas um prelúdio débil, mas balizador, da escolha realizada na puberdade. Nesta, processos emocionais bastante intensos se desenrolam na direção do complexo de Édipo ou em reação a ele, mas, tendo suas premissas se tornado insuportáveis, trata-se de processos que, em grande parte, permanecem forçosamente alheios à consciência. (Freud, 1917/2014, p. 447).

A escolha de objeto, segundo Freud (1914/2010), pode se dar de duas maneiras: por apoio ou por uma escolha narcísica de objeto. Por *apoio* significa que os objetos são eleitos com base nos modelos das figuras parentais que lhe proporcionaram os cuidados básicos do início da vida, conforme vimos nos capítulos precedentes. O objeto será “a mulher nutriz” ou o “homem protetor” (Freud, 1914/2010, p. 36), bem como as figuras que foram derivadas desses primeiros modelos. A escolha narcísica de objeto se dá quando o que se busca é uma imagem de si mesmo que está refletida no objeto externo. Pode ser o que essa pessoa é (a representação que tem de si), o que ela foi ou gostaria de ser, ou, ainda, a pessoa que foi parte dela mesma (um filho, por exemplo).

Portanto, embora a afeição que a criança sente pelos seus pais durante a infância – e que será reativada na puberdade – seja o elemento mais importante na escolha de objeto, Freud (1905/1996) indica que não é o único. No entanto, o fato é que a origem da escolha de objeto feita na puberdade não escapa às experiências vividas na infância.

No capítulo seguinte falaremos sobre a identificação como um mecanismo decisivo para o estabelecimento dos laços e relações afetivas.

CAPÍTULO 5. A IDENTIFICAÇÃO

Para abordar a noção de identificação utilizaremos especialmente os textos *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2011) e *O Eu e o Id* (1923/2011).

Nos capítulos anteriores dissemos que ao final da resolução edípica, a criança se identifica com os genitores, tomando-os como modelos a serem seguidos. Mas a identificação também ocorre antes da conflitiva edípica; aliás, como Freud (1921/2011) diz, a identificação é “a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa” (p. 60). Essa identificação é uma forma primitiva de amor em que os instintos sexuais estão inibidos em sua meta (Quinodoz, 2007).

As identificações com os pais (ou cuidadores) que ocorrem na idade mais tenra são muito significativas para o bebê e seus efeitos perdurarão por toda a vida, influenciando diretamente a escolha de objeto. Mais do que isso, a identificação é “um processo de ordem psicológica mediante o qual o sujeito se constitui. [...] o sujeito humano só pode ser psicologicamente construído por outro ser humano, ou seja, por um idêntico, um semelhante, um igual” (Kusnetzoff, 1982, p. 87).

Essas identificações que ocorrem nos primórdios da vida são o que Freud (1923/2011) denominou de identificação primária, a qual não decorre dos investimentos objetais; pelo contrário, é anterior a essa fase. A identificação primária é um tipo de incorporação dos objetos exteriores sem que ainda haja diferenciação entre interno e externo, entre o Eu e o objeto: o bebê também é esses objetos externos (Kusnetzoff, 1982). Freud (1923/2011) arrisca dizer que, provavelmente, o investimento objetal e a identificação não se diferenciam um do outro nesse momento da vida.

Esta [identificação] não parece ser, à primeira vista, resultado ou consequência de um investimento objetal; é uma identificação direta, imediata, mais antiga do que qualquer investimento objetal. Mas as escolhas de objeto pertencentes ao primeiro período sexual e relativas a pai e mãe parecem resultar normalmente em tal identificação, e assim reforçar a identificação primária. (Freud, 1923/2011, p. 38).

Após a consolidação desse momento de identificação primária, o aparelho psíquico estará mais desenvolvido e a criança passará às identificações secundárias, que ocorrem concomitantemente ao complexo de Édipo. Conforme a

criança vai conseguindo diferenciar o que é interno do que é externo, ela vai percebendo a dimensão total dos objetos e que a parte que gratifica está combinada com a parte que frustra. As identificações ocorrerão, neste momento, com esses objetos totais.

A Identificação Secundária é um tipo especial de incorporação do objeto depois de sua perda. Isto é, após as primeiras fases de constituição narcísica o sujeito se dirige ao mundo objetual, reconhecendo cada vez mais as amplitudes dos objetos. O que inicialmente era fusional e fragmentário começa a ser cada vez mais diferenciado e totalizado. Isto significa que se vai abandonando esse absolutismo da relação primária narcísica para se observar, cada vez com maior complexidade, que os objetos não são especulares, mas sim relativos. Ou seja, que os objetos se relacionam uns com os outros e nem sempre, sobretudo, com o sujeito. [...] (Kusnetzoff, 1982, p. 90-91).

Em uma anotação datada de 12 de julho de 1938, vemos que Freud manteve seu posicionamento acerca da importância da identificação na relação de objeto e que no início, o bebê ainda não diferencia o que ele é do que ele tem:

As crianças gostam de expressar uma relação de objeto por uma identificação: 'Eu sou o objeto.' 'Ter' é o mais tardio dos dois; após a perda do objeto, ele recai para 'ser'. Exemplo: o seio. 'O seio é uma parte de mim, eu sou o seio.' Só mais tarde: 'Eu o tenho' - isto é, 'eu não sou ele'... (Freud, 1938/1996, p. 317).

Com a resolução edípica, as figuras parentais são internalizadas e formam os núcleos do Super-eu - a instância do aparelho psíquico cujas funções são a consciência moral, a auto-observação e a formação de ideais (Freud, 1933a/2014). O Super-eu é, portanto, o herdeiro do complexo de Édipo, ou seja, o Super-eu só pode surgir quando o complexo de Édipo é dissolvido e a criança se identifica com as figuras parentais, introduzindo em seu aparelho psíquico as regras e as interdições (Freud, 1925b/2011).

Freud (1931/2014) ainda nos diz que o Super-eu da criança é edificado seguindo os modelos do Super-eu dos pais, pois estes irão educar a criança de acordo com a forma que eles próprios foram educados – daí que os valores enraizados nesta instância tendem a ser transmitidos de geração em geração.

Portanto, a identificação é crucial na formação do vínculo afetivo por ser um fenômeno inerente ao ser humano e ocorrer desde a mais tenra idade. Ainda que inicialmente não haja diferença entre o que é interno e o que é externo e os objetos ainda não serem percebidos como tais, podemos dizer que as identificações vão se formando no psiquismo e, ao mesmo tempo, formando o próprio psiquismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo neste trabalho foi fazer um levantamento na obra freudiana de quais processos estariam envolvidos na formação de um vínculo afetivo, bem como das primeiras relações que se estabelecem com os objetos.

Para isso, começamos com a vivência de satisfação como sendo o primeiro momento em que há a participação de outra pessoa na vida do bebê, ainda que este não perceba desta maneira. Em seguida, buscamos acompanhar o surgimento e o desenrolar da sexualidade, com todas as etapas constituintes até chegar ao complexo de Édipo e na identificação como o corolário desse processo. Considerando toda a sua complexidade, tentamos elucidar esse processo sempre no intuito de compreender como isso se aplicava ao nosso objetivo.

Disso concluímos que o vínculo, como sendo uma ligação afetiva entre duas pessoas, é construído desde o início da vida, numa fase em que ainda não há a percepção do que é interno ou externo, mas que, com as repetidas experiências, esta percepção vai se formando e consolidando. A relação entre duas pessoas pode ser descrita como uma relação de objeto.

Como bem aponta Coelho Junior (2001), Freud utiliza a noção de objeto de diversas formas, geralmente considerando que o objeto é uma representação psíquica, é a relação fantasística com esse objeto que importa. Entretanto, a partir de 1910, Freud começa a valorizar o processo de identificação na constituição da subjetividade, acentuando a importância do objeto nessa constituição. Coelho Junior destaca ainda que, para Freud, o objeto real é tão importante quanto a representação psíquica dele, ou seja, essa representação psíquica é formada a partir do seio real, o que faz com o objeto tome a dimensão de interno e externo ao mesmo tempo.

Assim, compartilhamos da mesma conclusão deste autor quando afirma que “na teoria freudiana, de uma forma geral, o objeto está sempre ligado ao processo da história de vida do sujeito, ou seja, se o objeto é determinado por algo, não o é simplesmente por elementos constitucionais de cada sujeito, mas sim pela história de vida (fundamentalmente a história de vida infantil)” (Coelho Junior, 2001, p. 46).

Concluindo: ao estudarmos como se dá a formação dos vínculos primários, percebemos a importância da relação com o objeto como sendo um aporte essencial

na constituição do psiquismo. A relação de objeto está de tal modo presente na vida psíquica que todo um ramo da psicanálise pós-freudiana vai privilegiar o estudo das relações de objeto e da dimensão intersubjetiva, em detrimento de uma abordagem meramente instintual e intrapsíquica.

Mas isso já é assunto para pesquisas futuras, que certamente esclarecerão ainda mais o processo de formação dos vínculos primitivos como modelos para as relações afetivas posteriores e que nos inserem na sociedade. Nesta monografia temos uma base para pensarmos essa questão em Freud, mas ainda resta muito trabalho pela frente...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA JUNIOR, Benilton. *Projeto para uma psicologia científica: Freud e as neurociências*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. *A noção de objeto na psicanálise freudiana*. Revista *Ágora* (Rio de Janeiro), v. 4, nº 2. Rio de Janeiro: julho-dezembro de 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982001000200003. Acesso em 29/07/2016.

FREUD, Sigmund. (1894) Rascunho E. Como se origina a angústia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. vol. I. 3ª edição. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1900) A interpretação dos sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. vol. IV. 3ª edição. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. vol. VII. 3ª edição. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1910a) Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem (Contribuições à psicologia do amor I). In: *Obras completas*. vol. 9. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. (1910b) Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci. In: *Obras completas*. vol. 9. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. (1911a) Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: *Obras completas*. vol. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1911b) Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia Paranoides) relatado em autobiografia (“O caso Schreber”). In: *Obras completas*. vol. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1912a) A dinâmica da transferência. In: *Obras completas*. vol. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1912b) Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa (Contribuições à psicologia do amor II). In: *Obras completas*. vol. 9. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. (1912-1913) Totem e tabu. In: *Obras completas*. vol. 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. (1914) Introdução ao narcisismo. In: *Obras completas*. vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1915) Os instintos e seus destinos. In: *Obras completas*. vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. (1917) Conferência 21. O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: *Obras completas*. vol. 13. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. (1920) Além do princípio do prazer. In: *Obras completas*. vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1921) Psicologia das massas e análise do Eu. In: *Obras completas*. vol. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1923) O Eu e o Id. In: *Obras completas*. vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1924) A dissolução do complexo de Édipo. In: *Obras completas*. vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1925a) A negação. In: *Obras completas*. vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1925b) Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: *Obras completas*. vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1926) Inibição, sintoma e angústia. In: *Obras completas*. vol. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. (1930) O mal-estar na civilização. In: *Obras completas*. vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. (1931) Sobre a sexualidade feminina. In: *Obras completas*. vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. (1933a) Conferência 31. A dissecação da personalidade psíquica. In: *Obras completas*. vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. (1933b) Conferência 33. A feminilidade. In: *Obras completas*. vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. (12/07/1938) Breves escritos – achados, ideias, problemas. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. vol. XXIII, p. 317. 3ª edição. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1950 [1895]) Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. vol. I. 3ª edição. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KUSNETZOFF, Juan Carlos. *Introdução à Psicopatologia Psicanalítica*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MESQUITA, Raul; DUARTE, Fernanda. *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Plátano Editora, 1996.

MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2013.

QUINODOZ, Jean-Michel. *Ler Freud: guia de leitura da obra de S. Freud*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SOUZA, Paulo César de. *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ZIMERMANN, David E. *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2008.